



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

Mãe e filhas



*A Republica, para Lisboa e Porto:
— Muito bem, minhas filhas! Vê-se que as tripas são tão bom alimento como a alface!*



PALESTRA AMENA

A policia

Deve estar entregue em boas mãos a missão de reformar a policia, pelo que a nossa intervenção seria de todo o ponto inconveniente, apesar da nossa reconhecida competencia em assuntos sociais. De mais, chovem os alvires, citando-se largamente a policia estrangeira, desde o terrivel *knout* da Russia ao inocente pausinho da Inglaterra, de modo que os reorganizadores não tem senão o trabalho de abrir bem os ouvidos e de extremar entre tantos conselhos os mais rasoaveis.

Porque abordamos, pois, o assunto? Porque receamos muito que tantas e tão boas vontades venham a dissolver-se nas conhecidas aguas de balcahu, o que necessariamente se dará se só se encarar um dos lados do problema, qual é o de melhorar a policia e não melhorar este publico habituado a caminhar para a direita sempre que lhe mandam que vá pela esquerda, conforme se encontra escrito nos candieiros do Chiado.

Não ha duvida de que temos visto exorbitar a policia: n'uma *bicha* do Terreiro do Trigo vimos espancar por ela algumas mulheres e crianças; não ha duvida tambem de que temos visto o povo igualmente exorbitar, como na dita *bicha* outras creaturas teimarem, apesar das recomendações policiaes, em sair do logar que lhes competia e em responder com insultos a admoestações justas e benevolas. Bem. Arranjar uma policia educada não será coisa difficil, desde que se exijam para a entrada na corporação as habilitações convenientes e se faça um exame com programa apertado e rigor na respectiva apreciação. Mas, preparar o publico em harmonia com essa nova reforma policial será coisa possivel?

E', sim senhores: o remedio, como o de quasi todas as doenças sociaes, de que enfermamos, está nas escolas primarias, onde se ensina uma coisa que se chama «educação cívica» e que tudo será menos isso. Pois não é das primeiras coisas que se devem ensinar a um cidadão, quais os deveres que tem como tal? Nas leituras escolares não se podia incluir esse ensinamento, em vez das banalidades de que estão cheios os livros respectivos, das historias de passarinhos e varias baboseiras semelhantes?

Esse ensino, dir-se-ha, demanda um professorado competente. Pois sim, mas não ha motivo para julgar incompetente o que existe, e se alguns elementos inuteis ou prejudiciaes n'ele se encontram — ai, o que se disse n'algumas escolas primarias quando do centenário de Gomes Freire! — bastaria que os sub-inspectores, imobilizados nas sedes das circunscrições, visitassem a miúdo as escolas das suas areas, dessem as instruções convenientes, assistissem ás aulas, guiassem os professores, para que d'aqui a pouco tem-

po entrassem nos eixos publico e policia, respeitando-se mutuamente, sem necessidade de arcabuzes de parte a parte. Talvez que se chegasse até á perfeição de só ser necessario o pausinho inglez, não para bater, é claro, mas para apontar o caminho da escola de preferencia ao caminho da prisão.

J. Neutral.

O fado do real trauliteiro

MOTE

*Se vires um trauliteiro
Não o trates com desdem
Porque o Couceiro castiga
Não diz quando nem a quem.*

GLOSA

«Cospe no chão, enojado.
Faze gestos deprimentes,
Dize coisas indecentes,
Passa até por malcriado;
Prepara um murro bem dado,
Agarra n'um marmeleiro,
Aponta o pé bem certoiro,
Afia as unhas, amigo,
Faze isto tudo que digo
Se vires um trauliteiro.»



Eis as palavras atrozes
Dos velhos republicanos
Que nos tomam por tiranos,
Que nos tomam por ferozes.
São mais as vozes que as nozes,
Porque só fizemos bem;
O conselho que convem
E' este, que canto ao fado:
O trauliteiro, coitado,
Não o trates com desdem.

As traulitadas que dei,
Como o leitor adivinha,
Não eram por conta minha,
Eram por conta de el-rei.
Dos portuguezes é lei
Poupar aos reis a fadiga;
Traulitei por praxe antiga
Do tempo de D. Miguel;
Para bem de D. Manuel,
Porque o Couceiro castiga,

Por cada golpe ou vergão
Feito em qualquer inocente
Dava-me o novo regente
Uma condecoração.
Agora estou na prisão
Onde a desgraça me tem
Mas não me o'nda ninguém
Que o valoroso Bragança
Ha de tirar a vingança
Não diz quando nem a quem!

VIMIOSO.

Exigencias papais

Sua santidade acaba de pedir aos membros da conferencia da paz que não se esqueçam d'ele com uma fatia, contentando-se com uma pequena facha de terreno, onde mandará como soberano — uma especie de Republica de S. Marino, ao que diz o telegrama de onde extraimos a novidade.

Ora, acontece que os membros da conferencia não estão de acordo com as exigencias do papa, com grande pezar d'este e sobretudo dos cardeais,



de modo que a Europa fica privada d'uma potencia da qual muito havia a esperar.

...E agora é que se percebe a razão do movimento couceirista, que se fez ocultando-se, afinal, para quem o regente trabalhava, visto que os intimos de D. Manuel continuam a afirmar que este nunca desejou a restauração do trono. O Paiva Couceiro trabalhava para Bento XV, destinando-lhe o reino de Portugal, motivo pelo qual o movimento fracassou: se trabalhar para o bispo é tarefa ingloria, peor ainda é trabalhar para o papa!

Torre de chifre

A liberdade é um facho
Que ilumina a escuridade
Como se queima o escalracho
Na imensidão d'uma herdade.

Porque razão me privaste então
Da minha liberdade infinda?
Prendeste o meu coração
Nas tuas rédes, linda!

Quem déra que ele tivesse azas
Para voar no espaço
Como aves sôbre as casas
Desprendidas do laço!

Mas ai! hei de ficar preso
Por toda a minha vida
Sofrendo o teu desprezo
O' minha amada querida!

Alfredo C. T. Torres.

Que lindo!



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Indultrada ispousa.

Istava anunsia da para a noite de 21 de freveiro a prumeira arrepresenta-ção da pessa U princepe rial, nu triato S. Luiz i vai daí cumo us trudoto-res ção us bem cunhesidos i isprituosos arrevisteiros Arnesto Rudrigues, Feliz Bramudes i Juão Bastus fiquei logo a pular de contente i a rir pella bela noite que ia paçar.

Visti a minha frapela nova que me custou catorze mel reis á déz anus i çai de casa in dirêsão ó triatio.

Ai, filha! Acin que prantei us pezes na rua cumesei a uivir uma istalaria que inté ce me pozeram us cabelus nas puntas dus pezes: intão é que me alimbrei de que toudas as vezes que se anousia uma prumeira arrepersenta-ção nu triatio de S. Luiz arrebenta uma rebolução in Lisboa. Desta vez dava-ce mais mais un cazo da pessa ter um titlo talação, isto é, xama-ce Princepe rial, de modo que u povo levantouce toudo i exegiu logo a diçolusão du cungreço, u dezarmamento da pulissa i a retirada du rigemento 33 pra fora de Lisboa—tudo isto, arrepi-to, pur cósá de ce arrepersintar a



pessa. Bom. Arreculhi oitra vez a ca-za i isperei pró dia ceguinte, in cujo este nen fui mais fliz du que na ves-pra: açim que prantei de nouvo us pezes na rua ain cumesan as balas a açuviar que era un nunca acabar, in vista du que arresolvi tilifunar ó sôr Ramos da impreza du dito triatio a pe-dirle que reterasse a pessa para ver çá jente açocegava. Arrespondeume que não mas que o que pudia fazer era u ceguinte: cumo a inberrasão é çó cum as prumiéres a impreza arresul-via que a pessa çubice á cena pela prumeira vez in cigunda arrepersinta-ção, indeia munto bóa que ao que me dizem foi du çubredito Arnesto cujo este istá cempre a fazer rir a jente.

Foi remedio çanto: Anunsiou-ce a sigunda arrepersintação para u dia 24 i pararam finalmente us tirus i oitras manifestasões revlocionarias i re-criativas, pudendo eu acistir ó tal Princepe rial de que te darei noticia uportunamente purque esta já vai lon-ga i as masadas istão purividas.

EM FOCO

Clemenceau



Todos os soberanos, ao que leio, O têm, como é razão, felicitado Por escapar com vida ao atentado, Não se nutrido já nenhum receio.

No emtanto, Clemenceau, quando o correio Lhe traz as cartas, fica atrapalhado E mesmo na presença do criado Como que manifesta um grande enleio.

— E o rei dos humoristas do universo ? Pois não me felicita esse sujeito ? Diz ele, em magoa tristemente imerso,

Falando, já se sabe, a meu respeito. Sim senhor, felicito, mas em verso, Por sinal do peor que tenho feito...

BELMIRO.

Inté á cemana ce pur cá não tiver mais algum iquivuco que leve desta para melhor u teu ispousu interno i agardesido

Jerolmo. Empreziario do Pauliteama de Peras Ruivas.

Torturas

A proposito de terem sido encontra-dos varios instrumentos de tortura nas prisões do Porto escreve-nos um leitor dizendo que o factu nada prova e que tambem quando da implantaçã da Republica se encontrou nos con-ventos de frades—no Quelhas, diz o homem—um forceps, sem que d'aí se possa concluir coisa alguma em desa-bono dos santinhos.

Ai, não! Sirva-se o cavalheiro do dito instrumento e verá a espiga que apanha!

Providencia tardia

N'uma entrevista que o novo titular da instrução, sr. dr. Domingos Pereira, concedeu a um jornalista o ministro declarou que está disposto a aumentnr o ordenado aos professores de instru-ção primaria.

Parece-nos que não vale a pena. Os homens já estão quasi deshabitua-dos de comer.

Correspondencia

A. Costa—Tenha a bondade de crescer mais um bocadinho e de aparecer depois.

Autores de livros — Os livros que

temos recebido ultimamente precisam de ser lidos com atençã é de aí a de-mora na apreciaçã e nas respétivas sovas, se as merecerem.

O pirilampo de Braga

Um adelaide — crédo! — que ejacula lirismos nos Ecos do Minho, contou que tendo chegado do Porto, quan-do da reinação couceira, foi recebido em Braga com lampeões e lanternas. «Para quê? pergunta o meco. Os olhos d'esta boa gente dão luz bastante á maior escuridão. Cada olhar cada in-cendio. Eu proprio regresso cheio de luz. A monarquia, ao menos, fez já isto: decretar o sol perpetuo. Logo que



me avistaram, assim ppirilampo, toma-ram me os aldeões ppor estrela—mas vá lá que outros me teem tomado por coisa muito peor.»

Aqui ha admirar, príimeiro a modes-tia do adelaide, depois a confissão de que costumam não o tomar por boa peça. Quanto a declarar-se pirilampo, já cá se sabia por que lado são lumi-nosos os adelaideinhas. O diabo é que bastou um pontapé applicado no sítio da fosforencia para lh'a apagar de vez.

O pesadelo d'um "regente"



-Felizmente, não sou tão tolo como o Aires Ornelas!